COMISSÃO PARA OS DIREITOS DO POVO MAUBERE *

INFORMAÇÃO

TIMOR-LESTE

PERIODICIDADE MENSAL PREÇO AVULSO: 50$00 ANO VII Nº 61 FEVEREIRO 1991

Em conferência de imprensa Solidariedade denuncia situação de terror

Teve início no dia 28 de Janeiro, em Genebra, os trabalhos da Comissão dos Direitos Humanos das Nações Unidas. Nesse dia, a CDPM **e** A Paz É Possível em Timor-Leste **deram uma conferência de imprensa em Lisboa, denunciando a situação de terror que se vive hoje em Timor-Leste. Porque se a coragem de enfrentar os ocupantes persiste, a repressão é, no entanto, devastadora.**

A REPRESSÃO

Abílio Mesquita foi preso no dia 29 de Outubro e barbaramente torturado durante 4 dias, ao mesmo tempo e na mesma sala que outros dois jovens, Chico e Eustáquio. Recebeu choques eléctricos, coronhadas, bateram-lhe com barras de ferro. Os militares indonésios queriam saber quem tinha organizado as manifestações em Outubro de 1989, em Janeiro e em Setembro de 1990, queriam implicar outras pessoas, padres e até o Bispo Belo. Abílio negava e respondia-lhes: "**Eu aderi à manifestação porque estava consciente do que se estava a passar em Timor-Leste, as atrocidades e as injustiças cometidas contra o povo inocente. Aderi de livre vontade e sem influência de ninguém, porque queria defender o direito à independência para o povo de Timor-Leste**". Bateram-lhe novamente repetidas vezes e Abílio caiu. Então deram-lhe uma forte coronhada na boca e partiram-lhe um maxilar. Isto foi no primeiro dia.

Só no dia 2 de Novembro os torturadores levaram Abílio e Eustáquio para o Hospital Militar de Dili. Confirmaram a fractura do maxilar do primeiro e para o operarem pediram 500.000 rupias. Enquanto estava no hospital, recebeu a visita da mãe acompanhada pelo P. Ricardo (9 de Novembro), do Bispo Belo (que se prontificou a pagar a operação) e da equipa da Cruz Vermelha Internacional. Logo a seguir, vieram os militares à beira da sua cama no hospital inquirir o que ele tinha contado a esta última. Ameaçaram-no e Abílio disse que se tinha queixado da falta de tratamento e de medicamentos, dos maus tratos e da tortura. Os militares reagiram: "**Foste completamente louco em contar essas coisas à CVI. Talvez vocês, timorenses, estejam a ganhar, mas antes disso matamo-los a todos**". Abílio retorquiu: "**Podem matar-nos a todos, mas enquanto houver um timorense vivo, conseguiremos a independência. (...) Se me quiserem matar, estou pronto para morrer**". Enquanto lhe batiam outra vez, os militares diziam: "**Estás contra a Nação**". Abílio repetiu: "**Estou a dizer a verdade e a defender os direitos do povo de Timor-Leste**".

Este foi o testemunho que Abílio Mesquita se dispôs a dar quando passou uns dias em casa, no Natal. Depois disso voltou ao hospital e pediram-lhe mais 800.000 rupias para retirarem o ferro que os médicos lhe tinham colocado na boca durante a operação ao maxilar. Abílio não sabia como os conseguiria arranjar. Não temos notícias do que lhe aconteceu.

Agora chegam-nos cada vez mais dados, mais testemunhos, escritos pelos próprios, recolhidos por pessoas próximas, enviados para o exterior através dos mais variados meios e que dão conta da gigantesca vaga de repressão que o regime indonésio desenvolve em Timor-Leste.

Entre Novembro e Janeiro foram recebidas centenas de informações, que permitiram ao grupo **A Paz É Possível em Timor-Leste** elaborar um documento sistematizado dos casos de violações de direitos humanos em Timor-Leste, ocorridos em 1990. Apresentado na conferência de imprensa realizada em 28 de Janeiro, foi referido pela comunicação social portuguesa e francesa, que retomou os dados divulgados em Lisboa.

Ora, apenas dez dias passados, a lista de casos aumentou a partir de relatos entretanto chegados. Em particular, é notória a dificuldade em obter dados sobre a situação fora de Dili. Isso explica, em parte, porque é que os ocupantes evitam praticar execuções sumárias na capital, preferindo fazer desaparecer

NESTE NÚMERO:

- **Solidariedade dá Conferência de Imprensa**
- **Novos/velhos desafios à luta de Libertação Nacional**

algumas pessoas e insistindo sobretudo, nos últimos dois anos, nos «pequenos» períodos de detenção sempre acompanhados de tortura. Assim se estende um manto de terror generalizado, encoberto pela massiva presença militar, pela total falta de garantias e liberdades dos indivíduos, pela não autorização de visitas de organizações de direitos humanos e pela hipocrisia internacional.

Tem sido a coragem dos timorenses, a sua determinação em prosseguir a sua luta, em encontrar sempre novas formas de fazer face à ocupação estrangeira, que tem permitido à opinião pública internacional conhecer um grave caso de prática sistemática de crimes contra a humanidade, a que todos, incluindo os Estados, devem firmemente opor-se.

ACÇÃO DIPLOMÁTICA

Sabemos que a causa de todas as violações dos direitos humanos em Timor-Leste se radica na negação de reconhecer ao povo maubere o seu legítimo direito à autodeterminação. Aliás, nunca é demais recordar que o primeiro artigo da Declaração Universal dos Direitos do Homem é justamente sobre a autodeterminação dos povos. Na conferência de imprensa de 28 de Janeiro, as duas organizações de solidariedade portuguesas chamaram a atenção para diversas situações actuais que deverão contribuir para o encontrar de uma solução negociada para a questão de Timor-Leste.

Em primeiro lugar, há que tirar toda a vantagem possível da tomada de posição inequívoca de muitos países, incluindo todos os Estados ocidentais, de recusa da ocupação e anexação do Koweit pelo Iraque. Se se respeita o direito à autodeterminação e se se respeitam as resoluções da ONU num caso, o mesmo deve acontecer em relação a todos os outros (Palestina, Sahara Ocidental, Timor-Leste).

Em segundo lugar, há que potenciar toda a capacidade negocial face a Estados mais fortes - estamos a falar, por exemplo, na oportunidade que se oferece à Potência Administrante de Timor-Leste, Portugal, de fazer valer os seus pontos de vista no âmbito da renegociação do acordo das Lages com os Estados Unidos. Acreditamos que o facto de o Dr. Rui Quartin Santos, diplomata encarregado da questão de Timor-Leste no Ministério dos Negócios estrangeiros, ter sido escolhido como um dos membros da delegação portuguesa neste contexto, indica que o Estado português entende pressionar de uma forma eficaz os EUA a mudar de posição quanto ao caso de Timor-Leste.

Em terceiro lugar, há que denunciar sem equívocos e recorrer a todos os meios jurídicos internacionais apropriados para pôr em causa a apropriação ilegal dos recursos naturais que pertencem ao povo timorense. Neste caso se inclui o tratado do «Timor-Gap» celebrado entre a Indonésia e a Austrália para a partilha do petróleo do Mar de Timor. Portugal não pode ignorar nem ficar inactivo perante esta situação, sob pena de se desacreditar completamente enquanto Potência Administrante e enquanto Estado de Direito.

A luta incessante do povo timorense pelo reconhecimento pleno dos seus direitos impõe-nos a todos, cidadãos, organizações, comunidades e Estados, um esforço redobrado e articulado que faça prevalecer uma ordem internacional justa e equitativa. □

Novos/velhos desafios à luta de libertação nacional

Na nossa edição de Janeiro, ao fazermos um breve balanço do ano de 1990 em Timor-Leste, abordamos quase exclusivamente o papel desempenhado pela juventude na resistência ao ocupante indonésio. Como então dissemos, o papel que os jovens têm vindo a desempenhar não significa uma perda de importância da Resistência armada, mas antes que estas duas componentes se articulam de um modo novo, na procura de uma melhor resposta às condições em que a luta se desenrola.

E estas condições incluem desafios que, sendo velhos nas práticas coloniais ao longo da história, exigem que se olhe a questão numa perspectiva nova.

A TIMORIZAÇÃO DA GUERRA

Com data de 12 de Janeiro deste ano, chegou às nossas mãos um documento assinado em nome individual e que consideramos da maior importância, pois representa um esforço feito «de dentro» de analisar a situação concreta que se vive hoje em Timor-Leste, nas suas diversas vertentes. O que se segue é o aproveitamento, quase textual, de partes do seu conteúdo.

Entre Outubro e Novembro de 1990, as tropas indonésias lançaram uma ofensiva de grande envergadura - «Operasi Senyum» - contra a Resistência armada de Timor-Leste.

Sem dar ouvidos ao apelo para o diálogo, feito pelo Comandante Xanana Gusmão, para a procura de uma solução política negociada para o problema, as autoridades indonésias têm intensificado as suas acções, recorrendo a uma rede de informações feroz e timorizada pela força e pelo aliciamento.

Tirando partido da situação social que criaram no território, têm forçado, com aliciamentos envolvendo grandes somas de dinheiro, elementos da população e estudantes desempregados a integrarem os grupos de «inteis» (polícias das forças de segurança) mascarados, conhecidos por «ninjas», que à noite percorrem as ruas das cidades à caça dos jovens rebeldes, invadindo-lhes as casas, levando-os para instalações policiais ou militares onde os torturam e massacram ou simplesmente arrastando-os para a rua onde os abandonam inanimados depois de os espancar. Alguns destes «ninja» confessaram a familiares e amigos que são nacionalistas e anti-integracionistas mas, porque foram ameaçados, aceitaram o salário e o «trabalho».

Entretanto, no dia 20 de Dezembro de 1990 desembarcaram em Dili mais 1000 soldados timorenses, para integrarem as F.A. indonésias estacionadas no território. Trata-se do 2º contingente assim formado, encontrando-se os indonésios a recrutar elementos para o 3º, seleccionando-os principalmente entre os analfabetos e os desempregados. Entre eles estão muitos ex-guerrilheiros, também eles obrigados a serem militares indonésios por razões sociais e económicas.

Esta prática, de ir buscar à população local elementos que, depois de enquadrados policial e militarmente, são utilizados para combater as forças nacionalistas, é uma velha arma colonial usada ao longo dos tempos e que, se não pára o curso da História, deixa, no entanto, marcas profundas nos povos colonizados, marcas estas que prevalecem muito para além do momento da libertação.

Em todas as vilas e aldeias, as autoridades têm vindo a desenvolver um movimento de aproximação dos militares da chamada «tropa territorial» à massa popular, com o objectivo de conquistar a sua simpatia, ou melhor, de controlar as suas movimentações. Nos locais que desconfiam serem centros de movimentos anti-integração, são colocadas companhias territoriais com o argumento de ajudarem a população nos momentos de

SOBRE DIREITOS HUMANOS NÃO RECEBO LIÇÕES DE NINGUÉM!! OUVIU? VOCÊS É QUE ABANDONARAM TIMOR!!
POIS, E OS INDONÉSIOS SÓ MASSACRARAM 200 000 TIMORENSES... MAS É CLARO...
"DE MASSACRES PERCEBEM VOCÊS, NÃO É?
"DESCONFIO QUE ELE JÁ SABE DOS ABORTGENES.
CLAC
BANDEIRA 91

Diário de Notícias, 26/02/91

necessidade. Em Matadouro- Hudi Laran, a uma família a quem morreu um filho apareceram esses militares já munidos de tábuas para o caixão e um cabrito para cozinhar; eles próprios prepararam tudo, em estreita colaboração com os familiares.

Na construção de estradas pelos timorenses em serviço nas Obras Públicas, também estão encaixados pelotões de militares. E participam na reabilitação e construção de Igrejas, escolas católicas, limpeza de recintos religiosos e locais públicos, ajudam as populações nas várzeas e hortas, na recuperação de cabanas. Oferecem-se voluntariamente para armar presépios nos bairros, participam nas missas de Natal, embora sejam islâmicos. Os comandos militares de todos os concelhos, neste Natal de 1990, distribuíram presentes à população em geral e aos pobres em particular, sempre depois de uma breve «recomendação» para que não participem no movimento anti-integração.

ACÇÕES PROVOCATÓRIAS

As autoridades indonésias, civis e militares, com a sua política de aproximação e aliciamento, ainda não conseguiram timorizar totalmente a guerra porque, na realidade, o povo está organizado clandestinamente.

Procurando tirar partido da inexperiência da juventude maubere, o ocupante recorre a acções provocatórias, visando o confronto. Conta Z.F.L., aluno na escola ... :

«No dia 15 de Outubro, uma 2ªfeira, quando chegámos à escola vimos uma frase bem escolhida para a timorização da guerra: «Apa bila Tim Tim merdeka, sisa sisa Suharto harus dihapuskan» (Quando Timor-Leste for independente, acabaremos com os lacaios de Suharto). Todos nós ficamos aflitos mas depois do toque da sineta entramos sossegadamente na sala de aula (...). Passados 30 minutos chegaram as forças armadas e policiais e começaram a interrogar-nos dentro da sala. Respondemos que não sabíamos quem era o «escritor». Então, usando de ameaças, insistiram para que o disséssemos. Vendo isto, um grupo de jovens que mora naquela zona interferiu: que era impossível que a frase tivesse sido feita pelos alunos porque durante o sábado e o domingo a área tinha sido constantemente vigiada pelos «inteis» e pelas forças de patrulha e a escrita não era de uma pessoa que escreveu com e a escrita não era de uma pessoa que escreveu com medo porque a letra estava muito bem feita e a tinta de gás, de custo elevado. Mais adiante ouvimos uma voz, desconfia-se que foi ... de que até à presente data se desconhece o paradeiro, que exclamou: «desconfio que a frase foi feita pelos próprios indonésios e seus colaboradores». Daí brotou violências sobre os estudantes e jovens e então também reagimos e começou aquela confusão toda, propositadamente provocada pelas autoridades indonésias (...)».

«QUERO CONTAR CONVOSCO PARA O QUE DER E VIER»

Por ocasião da passagem do 2º aniversário da criação da Renetil (Resistência Nacional dos Estudantes de Timor-Leste), o Comandante Xanana Gusmão enviou a esta organização - **«testa avançada»** da Resistência nacionalista na «frente urbana» - uma mensagem onde enaltece as virtudes demonstradas pelos jovens timorenses e os previne contra algumas armadilhas que a luta não deixará de lhes proporcionar.

«Companheiros Responsáveis e Militantes da RENETIL

Começo por vos felicitar pelo vosso 2º Aniversário, desejando em nome dos dois membros do Comité Central da Fretilin, dos quadros políticos e militares e de todos os Guerrilheiros das Falintil, muitos êxitos na vossa frente de combate.

Dois anos, em tempo não são muitos mas devo dizer que se a RENETIL nasceu há dois anos, isso foi o resultado lógico e natural do vosso empenhamento político e o resultado da acumulação das capacidades subjectivas que vós mesmos soubestes reunir e desenvolver ao longo dos 13 anos anteriores. (...).

Acompanhamos com emoção os vossos actos e felicitamos

toda a RENETIL, através dos seus responsáveis. Aos quadros da RENETIL vão o nosso continuo apreço pela capacidade e espírito de responsabilidade demonstrados na ainda tão curta existência da RENETIL. A vós, dirigentes da RENETIL, só recomendamos maior compenetração dos vossos deveres, maior espírito de entrega e maior dedicação à causa sagrada do nosso Povo, em torno da qual vos organizastes. Aos militantes não queremos deixar de expressar a nossa admiração pela vossa prontidão, abnegação e firmeza na luta. A vós todos também recomendamos interiorização dos princípios da RENETIL que vós mesmos adoptastes: humildade no pensamento e nos actos e espírito de disciplina combativa. A prática de críticas construtivas, servirá para fortalecer a vossa valorosa Organização e servirá, também, para forjar o vosso carácter.

Nós estamos a lutar pela Libertação do nosso Povo. Libertação tem um sentido vasto que alcança a necessidade de nos libertarmos a nós próprios. Ao libertarmos-nos dos sentimentos mesquinhos como o egoísmo, a vanglória, a competição e a ambição, só estamos a adquirir maior capacidade de lutar accionando uma maior entrega à causa e rejeitando as tendências de medir a luta por nós próprios (...). Evitai sempre o sectarismo e o divisionismo e evitai, sobretudo, a corrupção do pensamento. Sede sóbrios nos actos e no espírito mas infatigáveis na luta e sempre solidários entre vós e com todos.

A RENETIL edificou-se no sangue de muitos jovens. A RENETIL ergueu-se na luta de um Povo. É por isso que o vosso pensamento deve ser unicamente dirigido para servir, através da vossa Organização, a luta heróica do nosso Povo. E é por isso que quando conspurcardes o pensamento, as vossas acções serão débeis e padecerão de incertezas, frustrações e desequilíbrios, produto de incompatibilidades pessoais e de desentendimentos colectivos.

Evitai isso tudo para diminuirmos as frustrações que uma guerra como a nossa sempre acarreta, como vós próprios dizeis. E é realmente frustrante quando sentimos que nem tudo corre consoante os nossos desejos; quando sentimos que as forças contrárias continuam demasiado poderosas, em contraste com as poucas ou nulas perspectivas que oferecem à nossa luta aqueles que, por obrigações morais, políticas, jurídicas e históricas, se pensa que deviam empenhar-se mais pela causa Maubere e não o fazem. (...).

E para que consolidemos com maior espírito de combate a nossa vontade de perseguir, independentemente de qualquer atitude de Portugal, quero lembrar-vos de que continuo totalmente convicto de que sempre estareis às ordens do Comando das Falintil. Eu considero a RENETIL como a testa avançada da frente clandestina, sendo, contudo, apenas uma parte da frente global da Resistência Popular. É por isso que a RENETIL deve continuar a manter-se fiel aos seus princípios de subordinação ao Comando da Luta no interior da Pátria e toda e qualquer iniciativa deve ser medida no âmbito das vossas competências de produzir tal e tal resultado.

Já resistimos durante 15 anos e isto não convenceu nem o mundo, nem Portugal. Devemos estar preparados para o que der e vier. E quero contar convosco PARA O QUE DER E VIER. (...)».

HISTÓRIA ARMADA

«Para muitos cidadãos do oeste civilizado é bastante difícil procurar uma lógica justificativa na heróica resistência armada promovida pelas Falintil face à ocupação militar indonésia sobre Timor-Leste.

Sem o mínimo reabastecimento bélico e votado ao mais estrito isolamento, como poderá um pequeno exército de guerrilha resistir contra o «golias» do Sueste Asiático? Esta pergunta parece fundamental para a lógica dos ocidentais ...».

Assim começa um artigo do **Neon Metin**, boletim da Renetil, no seu número de Outubro último dedicado à questão militar. O articulista narra depois uma curiosa história de guerra que transcrevemos:

«Em Agosto de 1989, o pelotão Samodok (=cobra verde) do Batalhão indonésio 744 (batalhão essencialmente constituído por timorenses), numa operação de batida nas planícies de Natarbora, deparou-se com 2 guerrilheiros das Falintil bem armados com AR15 e granadas de mão. Julgando-se senhores da situação, os Samodoks chamaram para que os 2 guerrilheiros se rendessem. Em resposta, os dois calmamente afirmaram: **"Não nos rendemos. Mas se quiserem levar-nos a Dili, será com todo o gosto que aceitamos o convite porque queremos ver com os próprios olhos o desenvolvimento de que se gabam tanto por aí"**. Meio magnetizados pela intrepidez dos dois guerrilheiros, os Samodoks ainda ousaram insistir para que se rendessem. Mas qual não foi o seu espanto ao verem surgir repentinamente, por debaixo do capim, meia dúzia de outros guerrilheiros bem postados numa excelente emboscada. Não achando melhor alternativa, os Samodoks aceitaram «convidar» os dois guerrilheiros. Entretanto, para conquistarem maior confiança, os dois guerrilheiros entrega[ram] as suas AR15. E este nobre acto realmente mereceu-lhes confiança pois que, durante as duas semanas de estadia na capital da Pátria ocupada (apesar das incessantes insinuações à rendição dos oficiais javanêses do 744 e que, depois dumas férias nas praias de Bali, os dois seriam imediatamente incorporados no pelotão Samodok), nada lhes aconteceu de pejorativo.

Já quando os dois insistiam pelo regresso a Natarbora, porque não achavam nada de novo no tão propagandeado desenvolvimento do «Tim-Tim», um dos oficiais responsáveis pelo treino de pontaria no 744, convidou-os para assistirem ao treino de pontaria dos «melhores atiradores» do batalhão. Por simples curiosidade lá foram os dois.

Após observarem com interesse a «destreza» dos «melhores atiradores», que levavam mais de 5 segundos para fixarem a pontaria num alvo móvel, com a habitual humildade dos guerrilheiros das Falintil os dois disseram ao oficial (através de um intérprete, claro): **"É por isso que vocês nunca acertam nos guerrilheiros e só têm coragem de atirar sobre a população indefesa. Querem ver como poupamos o nosso tempo e as nossas balas?"**. Estupefacto por tal afirmação o oficial concordou.

Ao mínimo movimento dos dois alvos que lhes eram dest[inados] e uma fracção de segundo lá estavam os alvos furados e, sucessivamente, as balas acertavam no mesmo ponto, enquanto rolava o alvo de um lado para o outro .... O mais surpreendente, as espingardas automáticas não estavam apoiadas ao ombro porque as suas coronhas estavam simplesmente apertadas ao sovaco. Conclusão, sem olharem pela mira acertavam em cheio nos alvos em movimento. E para culminarem essa demonstração de destreza, os dois guerrilheiros disseram ao oficial: **"Os 5 segundos que os teus** «melhores atiradores» **utilizam para fazerem pontaria constituem tempo precioso e determinante para um guerrilheiro das Falintil porque esses segundos são suficientes para sacarmos a espingarda e o fardamento do soldado indonésio morto"**.

Nesse mesmo dia os dois guerrilheiros foram levados a Natarbora, porque nem os Samodoks nem o batalhão 744 ousou contradizer-lhes a vontade (...)». □

Director: António Pinto Pereira **Proprietário:** Comissão para os Direitos do Povo Maubere
Sede: R. Pinheiro Chagas, 77-2ºE-1000 Lisboa, Tel: 574718
Produção: João Escadinha **Impressão:** Grafis, Coop. de Artes Gráficas **Tiragem:** 1000 ex. **Assinatura anual:** 600$00
Registo DGCS nº 112094 Dep. Leg. nº 25317